



A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA JUNTO A PACIENTES EM PROCESSO DE MORTE NO BRASIL

LUCIANA SOARES DOS SANTOS SALES¹
LEONÇO ÁLVARO COSTA FILHO²

RESUMO: Este trabalho busca correlacionar pontos fundamentais da atuação da psicologia hospitalar junto a pacientes em processo de morte. Buscou-se ainda trazer considerações sobre a morte para o paciente e familiar, a atuação do psicólogo junto a equipe multidisciplinar em cuidados paliativos, sendo um ponto de ligação entre os profissionais de diversas áreas que em conjunto atuam a oportunizar dignidade ao paciente e respeitar sua subjetividade no momento tão delicado que antecede a finitude da vida. Dessa maneira, ainda apresenta uma breve reflexão sobre a preparação do acadêmico(a) para lidar com a questão ainda tão ignorada pela sociedade. Preparação essa oportuna e necessária, vez que certamente em algum momento o(a) profissional de psicologia pode ser convidado a lidar com o tema finitude da vida, principalmente no ambiente hospitalar. Optou-se por uma metodologia baseada no referencial teórico de autores que discutem o tema morte, atuação do psicólogo(a) hospitalar, equipe multiprofissional em cuidados paliativos, preparação dos acadêmicos de psicologia para atuar no âmbito hospitalar, obtendo resultados suficientes quanto aos objetivos descritos, e reflexões acerca dos assuntos que foram surgindo.

Palavras-chave: Morte; Psicologia hospitalar; Cuidados paliativos.

THE IMPORTANCE OF THE ACTIVITY OF THE PSYCHOLOGY PROFESSIONAL WITH PATIENTS IN THE PROCESS OF DEATH IN BRASIL

ABSTRACT: This work seeks to correlate the fundamental points of hospital psychology's work with patients in the process of dying. It also sought to bring up considerations about death for patients and their families, and the role of psychologists within the multidisciplinary team in palliative care, as a link between professionals from different areas who work together to bring dignity to patients and respect their subjectivity at such a delicate time before the end of life. In this way, it also presents a brief reflection on the preparation of academics to deal with the issue that is still so ignored by society. This preparation is timely and necessary, since at some point psychology professionals may be asked to deal with the finitude of life, especially in a hospital environment. We opted for a methodology based on the theoretical framework of authors who discuss the subject of death, the work of hospital psychologists, the multi-professional team in palliative care, and the preparation of psychology students to work in the hospital environment, obtaining sufficient results in terms of the objectives described, and reflections on the issues that have arisen.

Keywords: Death; Hospice psychology; Palliative care.

¹ Bacharel em Psicologia. Curso de Psicologia, Faculdade Fasipe Cuiabá. Endereço eletrônico: lucianasoaress.sales@gmail.com.

² Professor Especialista em psicologia jurídica e avaliação psicológica, curso de Psicologia, Faculdade Fasipe Cuiabá. Endereço eletrônico: prof.leocosta@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema: A importância da atuação do profissional de psicologia junto a pacientes em processo de morte no Brasil.

O interesse pelo tema se deu em razão de ser um assunto que pouco se é falado na sociedade contemporânea, com isso surgiu a questão: Qual a importância do(a) profissional psicólogo(a) no momento delicado do processo de morte de um paciente?

Desta forma, torna-se essencial conhecer o tema finitude da vida, no qual cada pessoa vai lidar de forma individual. A doença não vem só, mas com inúmeras modificações do cotidiano do paciente. A dor física, a solidão, o abandono e a angústia são uns dos dissabores da doença.

No campo de atuação, faz-se necessário focar no paciente e não na doença, o falar da enfermidade, o que lhe acarretou, nisso a psicoterapia vai ajudar a resgatar a subjetividade, a ressignificar o momento.

No decorrer da trajetória acadêmica e tão logo no campo de trabalho, deve-se tomar uma conduta profissional frente ao paciente, as palavras, o olhar, a escuta, enfim, a postura esperada de um profissional de psicologia. Todos são pontos importantes para reflexão que já devem ser trabalhados desde antes da atuação.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo geral: Compreender a dimensão da atuação da psicoterapia em pacientes em processo de morte no Brasil, a incluir os seus familiares, a atuação junto à equipe multiprofissional em cuidados paliativos.

No decorrer do artigo, será abordado os temas específicos: algumas considerações sobre a morte, o sentido que os pacientes conferem ao tema morte, o impacto da família frente ao ente doente, considerações sobre a atuação do psicólogo hospitalar junto a equipe multiprofissional em cuidados paliativos, bem como compreender as técnicas psicológicas junto a paciente em processo de morte, e por fim uma breve reflexão sobre a importância do processo acadêmico na preparação do futuro psicólogo(a) para atuar nesse campo de trabalho.

Para isso, foram também incluídas bibliografias que norteiam a parte existencial e fenomenológica, propostas para existir e o ser no mundo, a lidar com a sua própria finitude a impactar outros, que nessa dinâmica reconhecem a sua própria breve existência.

O estudo parte de um espaço acadêmico baseado em pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, o tema morte faz de início uma bagunça na mente para ir aos poucos se aquietando, e com isso o psicólogo ocupa um lugar que é de suma importância para aqueles cuja finitude chegou, e é esse espaço que o acadêmico do curso de psicologia e o profissional psicólogo(a) precisam antes de tudo conhecer.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Morte

A morte e o nascimento são os dois eventos mais naturais e inevitáveis da existência. Enquanto o nascimento costuma ser visto como algo positivo que traz alegria, a morte é frequentemente encarada de forma negativa, associada à tristeza, embora essa visão nem sempre seja correta. Dentre todas as criaturas, é o ser humano o único que pratica o sepultamento de seus mortos. Desde tempos remotos, surgiram rituais para acompanhar o momento da morte (VARGAS, 2022).

Entende-se que a presença de um ritual indica uma situação significativa, séria e



desafiadora, marcando uma grande transformação para o indivíduo. Os rituais têm o propósito de proteger e estabelecer um comportamento padrão a ser seguido diante de circunstâncias difíceis. O ato de enterrar, enquanto ritual, está intimamente ligado à noção de passagem e mudança. A morte transforma os seres vivos em algo de natureza distinta, em um estado diferente daquele dos viventes. (VARGAS, 2022).

Os egípcios, uma civilização do Antigo Oriente nas proximidades do Norte da África (3200-2134 a.C.), acreditavam que os seres humanos, deuses, plantas e animais eram parte de um único sistema, no mesmo mundo, conhecido como monista. Em contrapartida, o povo ocidental, influenciado pela tradição judaico-cristã, estabelece uma divisão entre o material e o divino espiritual. (RIBEIRO, 2014).

Sócrates (427-347 A.C.) através de *Fédon*, entendeu a relação morte e o morrer, a finalidade da filosofia era de encontrar o que significa a vida e sua ligação com a morte, compreender a origem da alma, o filósofo autêntico pratica a arte de morrer continuamente. Para Sócrates a arte de morrer era acolher a morte, como a existência da alma após a morte, separada do corpo que finda sua existência. (SANTOS, 2009).

Observa-se que o tema vida e morte estão entrelaçadas, ambas caminham lado a lado, entender e aceitar está presente na trajetória, reconhecer a breve vida nos fortalece e humaniza nos indicando possibilidades para se desenvolver. Com isso, constantemente o ser humano precisa adquirir habilidades para lidar com as adversidades e recomeçar, pois a existência é um fluxo ininterrupto de nascer e despedidas. (OLIVEIRA; ROCHA, 2016).

Martins (2016), observa que quando Heidegger refere-se ao Dasein significa “estar presente”, é um “ente que põe em jogo seu próprio ser”, estar para compreensão da própria existência, o ser-para-a-morte (Sein ind Zeit) Heidegger delimita que é necessário identificar a morte como um “ser para uma possibilidade”, para o novo, direcionado para fora, para o intangível. Dessa maneira, existir entende-se, necessariamente, estar acessível à possibilidade, o que conduz que ser-para-a-morte somente se legitima como condição para o indivíduo existente.

Então, ser-para-a-morte pode ser entendido ser-para-a-vida, porque a morte em seu aspecto específico pode enfrentar, como salvador do despenhadeiro da própria inautenticidade, um termo que está além do simples significado da realidade. O autor destaca uma vez se vive sempre tem a possibilidade de morrer, não é para ser uma ideia conclusiva, e sim entender como um caminho contínuo; Dasein ser em liberdade de si, que põe em liberdade diante das possibilidades. (MARTINS, 2016).

Compreender o pensamento existencial, é fundamental ressaltar a discussão filosófica em acerca dos conceitos de existência e essência. De modo geral, os filósofos existencialistas empregam o termo existência exclusivamente quando se referem ao ser humano. A fim de esclarecer essa terminologia, optou-se por conservar o sentido etimológico da palavra, utilizando um hífen: ek-sistere, definido como “vindo para fora”, “sendo para fora”. Tal ideia implica movimento, temporariedade, isto é, um “vir-a-ser”. (SIMAN; RAUCH, 2017).

Sartre (1996) discute a ideia de que a existência precede a essência, enfatizando que o homem define a si mesmo através de suas escolhas e consciência de seus projetos futuros. O existencialismo coloca o homem como responsável por sua própria existência e define a subjetividade como uma característica fundamental. Sartre argumenta que o homem não é responsável apenas por si, mas por toda a humanidade, pois suas escolhas influenciam a imagem do homem que deseja ser para todos.

Em face da finitude da vida, o ser é instado a visitar suas memórias e projetar-



se nas diferentes fases de sua existência, conforme preconizado por Sartre. (SARTRE, 1996).

Então, não se faz simples responder o que a morte, tudo acaba nesse limite, na contemporaneidade o assunto morte não é falado, a vida corrida do cotidiano, os compromissos a assumir, entende-se dessa maneira que, na atual sociedade principalmente a ocidental a devoção à beleza tomou rumo intenso, e o individualismo de igual maneira evidenciou-se. Assim, diante do momento da vida, o silêncio tornou o assunto caótico. (OLIVEIRA; ROCHA, 2016).

Como observado, o tema é complexo, sem definição por parte dos estudiosos, para distanciar a sociedade contemporânea, pouca discute sobre o assunto, é um mundo paralelo, vivenciado por muitos de forma intensa e real.

2.2 Paciente e Família

Conforme os fenomenólogos, o ser humano encontra sua essência nas experiências vividas, sendo descrito como um estado de ser-no-mundo. Consideram que a identidade de uma pessoa é construída através de suas vivências, o que a torna um ser-no-mundo. É necessário o contexto do mundo para saber onde se está e, especialmente, quem se é. (ARGERAMI-CAMON, 2007).

Observa-se que, no entender de Sartre, a consciência do homem sobre a morte, empreende que cada indivíduo procure suas vivências, realize suas escolhas e disponha a viver imensamente, conforme o que pretende. Reconhecer a morte permite criar propostas para seu existir. Somente quem vivencia as etapas do adoecimento adquire a experiência, sem poder passar para o outro. (TUY, 2009).

O ambiente hospitalar representa de forma real uma etapa de grandes modificações na vida cotidiana, um momento de desconforto no momento que o paciente será afastado do meio familiar, acompanhado por vezes de sentimento de solidão, abandono, tristeza para ele(a) aquele ambiente é "hostil", longe de suas relações sociais, profissionais e laços afetivos, essa situação fragiliza-o tornando vulnerável diante dos embates no processo do tratamento, no qual a sua autonomia também se perde.

O hospital é o local destinado a oferecer serviços de cuidados de saúde à população. Portanto, a hospitalização envolve situações que são muitas vezes inevitáveis e urgentes, e a pessoa internada passa por um processo de perda de sua identidade pessoal, podendo levar à despersonalização. Isso ocorre porque o contexto hospitalar é considerado pela sociedade como um ambiente marcado por ocorrências traumáticas e de sofrimento, principalmente devido ao medo e às inseguranças que o paciente enfrenta. (CARVALHO et al. 2022)

A pesquisa realizada por Silva et al. (2019), indica que o fato de não ser bem acolhido no hospital e a ausência de comunicação direta entre os profissionais e o paciente também são aspectos da despersonalização durante a internação. Isso ocorre porque a troca de informações passa a ocorrer de forma indireta, reforçando a ideia de que o enfermo não possui autonomia própria.

Assim, o paciente apresenta dificuldade de admitir, a dependência, a incapacidade, a aparência, além das questões financeiras, situações essas que abatem a grande parte dos pacientes em tratamento, além da questão da grande angústia e dúvida acerca do que a doença pode provocar, as marcas, a dor, e por fim o pavor da morte.

Segundo a pesquisa de Hoffmann, Santos e Carvalho (2021), a família se torna de grande significado a cada estágio do adoecimento, o sentimento de pertencimento é mais forte, o paciente manifesta o grande desejo de fugir da dor e das dificuldades que a doença



gerou aos familiares. Para isso, as adaptações devem ser feitas, e o apoio familiar é de suma importância no processo do adoecimento e no estágio final da vida.

O estudo referente ao luto antecipatório é fundamental para lidar com familiares que enfrentam longos períodos de internação hospitalar. Entre o momento do diagnóstico e o falecimento do familiar do paciente, as perdas mais frequentes são: perda da saúde, afastamento das atividades cotidianas devido à hospitalização e perda do senso de controle e segurança. (MONTEIRO; MAGALHÃES; MACHADO, 2017).

Nesse mesmo entendimento, Frankl (2013), frisa que o sentido pode ser descoberto inclusive durante uma vivência de dor, sofrimento e doença, o que remete à experiência do cuidador principal que conduz seu familiar em processo de terminalidade de vida. Embora a tristeza esteja vinculada ao contexto, afirma-se que os familiares tenham a habilidade de empregar significados e sentidos a este acontecimento, que os aproxima da realidade de sua própria finitude.

O paciente experenciará o momento do processo de morte de acordo com sua bagagem psíquica, emocional, religiosa e afetiva, sendo que perdurará até os últimos momentos de vida de consciência: a liberdade da vontade - mesmo de certa forma cerceada frente a limitação da doença, o anseio por significado e o propósito de sua existência. Desta forma, o sentido de vida que dará para sua existência é incondicional e intransferível, que poderá transformar conforme a relação entre ele e o mundo. (FRANKL, 2013).

Dessa maneira, o paciente em estado de consciência é um ser ativo, mesmo com a limitação que a doença impõe, continua a viver, a ter sonhos, a ter um propósito. Por isso, a importância de promover um espaço preparado de escuta e reflexão à dúvida sobre a vida e a morte, a possibilitar uma estruturação emocional de ressignificação, sendo capaz de aliviar o impacto no processo do adoecimento e o acercamento da finitude da vida. (HOFFMANN; SANTOS; CARVALHO, 2021).

O assunto morte tem um começo, pois se têm a certeza de que vai chegar, mas sem uma definição concreta, pois é desconhecido, porém, se faz necessário discutir e que seja oportunizado um momento de reflexão, espaço para os personagens serem ouvido para dar novos sentidos diante da realidade que mudará completamente, um momento para a reestruturação emocional que não é uma opção, mas se torna uma condição básica de morte digna.

2.3 Atuação da Psicologia

O Conselho Federal de Psicologia – CFP, regulamentou, através da Resolução nº 014/2000 (CFP, 2000a), a atividade da(o) psicóloga(o) hospitalar como uma especialidade e estabelece a atuação desse profissional na atenção à saúde na prestação de serviços nas áreas secundárias e terciárias. A atuação profissional se estende às instituições hospitalares, instituições de ensino superior e médio visando aperfeiçoamento, especialização, pesquisa, voltado para os profissionais em sua área de competência como para os demais profissionais da área da saúde. (CFP, 2019).

Entre as práticas mais comuns exercidas pelos psicólogos hospitalares, destacam-se: pronto atendimento; atendimento psicoterapêutico; atendimentos em ambulatório; psicomotricidade no âmbito hospitalar; atendimento em Unidade de Terapia Intensiva e enfermarias em geral; avaliação diagnóstica; grupos psicoterapêuticos; psicodiagnóstico; grupos de psicoprofilaxia e consultoria e interconsultoria. (CFP, 2019).

O atendimento psicológico deve levar em consideração as variáveis e os aspectos presentes durante o processo de internação, tais como os limites de atuação e as normas institucionais. Importante se atentar também que o profissional baseie o seu trabalho nos



princípios de humanização no espaço hospitalar. Dessa forma, a atuação da psicologia no cenário hospitalar não é apenas priorizar o indivíduo em sua existência, mas também contribuir para a propagação do movimento de humanização, mediante ações voltadas aos demais profissionais que compõe a equipe de saúde. (SANTOS, 2022).

A função do psicólogo hospitalar envolve o atendimento a tríade paciente, família e equipe de saúde. Dessa forma, a análise dos aspectos psicológicos relacionados às manifestações mentais e comportamentais tem como objetivo oferecer terapias de apoio, orientação, acompanhamento psicológico, suporte ao paciente, psicoeducação, além de escuta breve e focada no aqui e agora. A última se é uma especialidade nas situações da finitude do paciente na UTI. (PORCINO et al. 2020).

A participação dos profissionais engajados nos cuidados paliativos pode ser integrativa, auxiliando a reconhecer o paciente como um ser integral em sua essência, em que cada profissional, com seu conhecimento, pode colaborar para assegurar um cuidado mais eficaz e humanizado. O psicólogo, em conjunto com as diferentes profissionais da equipe forma um elo de segurança para os pacientes e familiares enfrentarem com maior força a luta contra suas enfermidades. (CARDOSO et al., 2013).

Importância se faz o apoio psicossocial no processo da terminalidade à vida, e conforme os princípios ditados pela sociedade contemporânea, o tema morte está atravessado de discriminações, estigmas que abrangem uma ordem de partes ameaçadoras e perseguições que assombram o homem. (OLIVEIRA; SANTOS, MASTROPIETRO, 2010).

A atuação do psicólogo em conjunto com a equipe multidisciplinar permite a definição de formas de intervenção que enfatizem os elementos subjetivos do paciente e dos familiares. Em sua posição específica, o Psicólogo foca a atenção no ser humano, valorizando um espaço de reflexão e trazendo uma perspectiva diferente do médico, em que o cuidado não se limita à rápida remissão dos sintomas. O trabalho em equipe beneficia o paciente, levando em consideração que, frequentemente, a expressão de sua subjetividade se apresenta como um obstáculo para a eficácia terapêutica. (PEDREIRA, 2013).

Assim, as técnicas têm a capacidade de facilitar a comunicação entre pacientes, familiares e profissionais de saúde, bem como promover um ambiente de escuta para o paciente e auxiliar a garantir sua autonomia, visando criar oportunidades para lidar com a terminalidade e a morte. (CARVALHO; MARTINS, 2015)

Para tanto, os referidos autores apresentam as seguintes técnicas psicológicas:

2.3.1 Escuta psicológica

Visando entender as formas satisfatórias de intervenção psicoterapeuta, o que acontece na área oncológica, a auxiliar o paciente no abalroamento da doença a apresentar meios para perpassarem os momentos da vida com maior dignidade, o que distinguirá no decorrer “é a escuta e a valorização da subjetividade de cada paciente e familiar”. A partir disso, as técnicas devem ser planejadas e praticadas segundo a escuta e queixas de acordo com cada patologia que seja ligada ao sofrimento psíquico, emocional, angústia e dor (VALADÃO; SOUZA, 2021).

Refletir acerca do processo da morte e da finalização da vida perante os entes queridos revelou a importância da escuta psicológica, como uma ferramenta fundamental, na preservação do aspecto subjetivo e no enfrentamento da aceitação da morte. Isso implica valorizar a humanização e os princípios da bioética que orientam essa abordagem na direção do término da existência. (PORCINO et al. 2020).



2.3.2 Comunicação

Segundo Simonetti (2016) enfatiza que quando psicólogo e paciente se comunicam, se torna um meio de acessar “para um mundo de significados e sentidos.” O importante para o psicólogo hospitalar não é a doença em si, mas como seus sintomas interferem no paciente, o que ele faz com a enfermidade, o significado que ele percebe, sendo verificado através da palavra.

O homem, segundo Heidegger, ser-aí, o Dasein está “imerso em sua existência”, um ser-no-mundo que participa de seu contexto, em constante interação, ele é parte do mundo e o mundo dele, habitando, se detendo nele (WERLE, 2003). Pode-se entender que a comunicação verbal e não verbal possibilita essa interação, a fazer do homem um ser-no-mundo, inseparável dele, e da mesma forma do mundo em alusão ao homem.

Nos momentos finais o paciente já está a lidar com o corpo sofrido face à doença que avança, a dor, o desconforto, por vezes a incapacidade para executar atividades básicas se faz presente, neste instante o psicólogo através do atendimento oportuniza firmeza a família, delicadeza dos cuidados, despedida e preparação para o luto, enfrentamento que vivenciará cada indivíduo de forma diferente. (SANTOS; CARVALHO, 2018).

O psicólogo proporciona um ambiente para a expressão da palavra, o sofrimento e as angústias. Permite que a equipe compartilhe opiniões e que a família participe desse momento, criando um local onde a fala tenha significado, individualizando a experiência de sofrimento. Sendo uma das tarefas mais importantes do psicólogo comprometido com o cuidado paliativo, com todas essas ações convergindo para a criação de um espaço onde o indivíduo possa viver com dignidade até seus últimos momentos de vida. (PEDREIRA, 2013).

Isto posto, segundo Rogers (1997), o desejo de comunicar se torna um único meio de abrandar a angústia oriundo da solidão e de garantir a si que se pertence ao grupo. O indivíduo possui formas de guardar o que mais lhe vai ao íntimo, seus desejos, segredos e descobertas. Contudo, anseia por se comunicar com um grupo que o entenda, mesmo que seja necessário conceber esse grupo, busca compartilhar com os outros essa nova aparência de si em relação ao ambiente.

A abordagem humanista salienta que a função do psicólogo consiste em estabelecer a comunicação entre o paciente, a família e a equipe de saúde, facilitando a criação de espaços para ouvir a todos, captar o não dito, as metáforas, a linguagem simbólica, tudo aquilo que está implícito no que é verbalizado. Ao buscar essa abordagem, o profissional redireciona sua atenção para o indivíduo, deixando de focar na doença. Dessa forma, o psicólogo age como um orientador de perspectivas e um acolhedor de angústias, possibilitando um cuidado psicológico humanizado. (PEDREIRA, 2013).

Trabalhar a comunicação verbal e não verbal, é o espaço que o psicólogo deve aperfeiçoar, entre os profissionais, a psicologia toma o lugar que deve estar mais preparada para lidar com a dor do outro, e buscar meios para aliviar através da palavra.

2.3.3 Trabalho de enfrentamento ao sofrimento – tríade: paciente, família e equipe

No ambiente hospitalar, a morte carrega significados culturais construídos ao longo do tempo, e antigamente, era encarada com naturalidade, em contraste com a atualidade onde tecnologia domina. As epidemias do passado tornavam a morte comum, ocorrendo em casa, envolvendo rituais familiares e comunitários, mantendo a identidade do moribundo, no qual participava ativamente nas decisões sobre seu fim, seus desejos eram respeitados. A morte era vista como uma passagem significativa, cercada de rituais



profundos, porém, hoje, esses rituais estão vazios, reduzidos a formalidades, perdendo seus significados simbólicos. (CARVALHO; MARTINS, 2015; VARGAS, 2022).

A oportunidade de adiar a morte, mediante a tecnologia biomédicas, oportunizou a construção do pensamento de que a instituição hospitalar pode ser o ambiente adequado para morrer, a tornar o último estágio da vida como um instante de imensa solidão assistida apenas por profissionais de saúde e, quando possível, alguns membros da família. (MEDEIROS; LUSTOSA, 2011).

Tal distanciamento dos entes nesse momento criou um distanciamento de si, pois a dificuldade para lidar com a morte se tornou presente na contemporaneidade, no passado o ente adoecido permanecia entre os membros familiares, não se estabelecia somente um cuidador especial, mas de alguma forma todos contribuía na dinâmica do cuidado, e o doente era parte ativa das decisões de sua própria vida, possibilitando a educação para a morte para doente e os seus familiares.

Assim, a morte deixa de ser um acontecimento público para se transformar em um assunto privado e individual. De forma contínua, destina-se esforço no avanço tecnológico para enfrentá-la, subestimando frequentemente os fatores emocionais envolvidos. (BRAGA; QUEIROZ, 2013).

Interagir com o paciente possibilita acolher e tranquilizar suas inquietações e aflições. O psicólogo incentiva o indivíduo a refletir e expressar sua situação, validando sua dor e auxiliando-o a compreender sua vivência de adoecimento, se posicionar naquele contexto e elaborar seu processo de morte e de luto, entendendo a finitude como um aspecto natural de sua existência. (PEDREIRA, 2013).

Assim, a função do profissional é atender e apreender o que está envolvido na queixa do paciente, no sintoma e na patologia, a fim de ter uma visão abrangente de todo o processo que o doente está passando, e ajudá-lo a entender e enfrentar esse processo singular, estranho, complicado e de difícil aceitação. Além disso, ele deve estender sua atuação para a família e a equipe de saúde, promovendo uma melhor compreensão dessa fase da vida para todos. (PEDREIRA, 2013).

O processo de morte de um ser humano é atravessado por árduos conflitos e adversidades, no presente contexto aparecem questões emocionais ainda não satisfeitas, desgostos e lamentações, mesmo se referindo a um enfermo equilibrado emocionalmente. É preciso cogitar que a dificuldade em tratar com o morrer dentro do hospital alcança também a equipe de saúde. (DOMINGUES et al. 2013; MEDEIROS, LUSTOSA, 2011).

Destaca-se a importância das instituições hospitalares em treinar sua equipe para compreender e lidar com as necessidades dos pacientes, concentrando-se na reabilitação individual. É crucial fornecer uma estrutura que acolha tanto o paciente quanto a família, enquanto os cuidados paliativos resgatam o humanismo perdido na medicina moderna. Também na morte, é possível conciliar os avanços tecnológicos com o respeito às necessidades do paciente terminal, honrando o ciclo natural da vida com uma abordagem humanizada. (PEDREIRA, 2013; VARGAS, 2022).

Para tanto, a espiritualidade vem contribuir com o resgate de si ao paciente que vivencia a sua religião, a auxiliar no enfrentamento das fases do adoecimento. Domingues et al. (2013), ressalta que a espiritualidade não está obrigatoriamente associada a uma religião específica, então é responsabilidade dos profissionais de cuidados paliativos considerarem as necessidades dos pacientes e seus familiares, respeitando as variações de crença e permitindo que expressem livremente suas escolhas, caso desejem fazê-lo.

Atualmente no mundo contemporâneo, de certa forma, se faz necessário resgatar a cultura de falar sobre a morte de torná-la uma etapa da vida, entende-se que para todas



as partes será um aprendizado, mas para os profissionais de saúde deve ser uma premissa pela busca de aperfeiçoamento, para acolher da forma mais assertiva possível.

2.3.4 Acadêmico

Segundo Junqueira e Kovács (2008), o profissional psicólogo (a) deve buscar o preparo constantemente, principalmente quando este se depara com o item terminalidade, e para isso se faz importante uma jornada interior em busca do autoconhecimento.

Ao deparar com o assunto morte, um certo desconforto se faz, somos humanos e encarar a finitude da vida vem aguçar muitas dúvidas ou simplesmente o silêncio e um vazio. Então, oportuno discutir o tema desde o espaço acadêmico, aproveitar o momento e os recursos disponíveis para se preparar, vez que é uma área constantemente visitada pela psicoterapia, e/ou convidados a percorrer, seja na clínica ou no hospital.

Então, a percorrer essa área específica da psicologia, a lidar com a questão da morte eminente, se faz necessário buscar o auto preparo no meio acadêmico para de alguma forma contribuir e discutir tal tema ainda ignorado pela sociedade, a pensar sobre a atuação do psicólogo (a) frente aos enfrentamentos e mudanças severas que impacta não somente o paciente em fase terminal, mas todos a sua volta.

Devido ao despreparo da sociedade atual, vindo de um contexto em que falar de morte pode ser um assunto ignorado, observar-se que os profissionais de saúde da mesma forma encontram obstáculos gerados de tal maneira de representar a morte e o morrer, a refletir a ausência de uma preparação para conversar sobre o assunto na formação universitária, um problema que alcança futuramente o ambiente profissional a causar insegurança. (CARVALHO; MARTINS, 2015).

A entender que é uma deficiência de preparação que se arrasta além da vida acadêmica, onde as técnicas e orientações éticas são ensinadas, mas quando chega o momento da prática no campo, algo se perde.

Assim, a conversa sobre a morte acontece no ambiente hospitalar, mas, é verdade também que muitas dessas discussões envolvem questões sobre a realização de procedimentos corretos, técnicas assépticas, administração de medicamentos apropriados e a razão pela qual as terapias falham diante da morte. São poucos os locais que colocam em questionamento os sentimentos e percepções desses profissionais diante da morte. (MEDEIROS; LUSTOSA, 2011).

No estágio hospitalar, o estudante de graduação enfrenta diversas experiências de atendimento, influenciadas por variáveis como o perfil dos pacientes, as patologias, o motivo da internação e os tratamentos realizados. Espera-se que esse período proporcione ao acadêmico uma imersão em diferentes aspectos do conhecimento psicológico, a serem aprimorados durante a interação com o ambiente hospitalar, considerando suas particularidades em relação à prática clínica tradicional. (SANTOS; NÓBREGA, 2017).

Para que este aprendizado ocorra verdadeiramente, é preciso que o estudante em formação tenha a oportunidade de vivenciar, compreender e questionar aspectos relacionados à gestão e prestação de cuidados de saúde, tendo como base os princípios que fundamentam o funcionamento do Sistema Único de Saúde (SUS), incluindo o conhecimento da rede de serviços da qual o hospital faz parte. (PITOMBEIRA, 2016).

Nesse sentido, observa que o estágio se torna uma ferramenta organizada e eficaz de compreender as práticas dos profissionais de psicologia que estão vinculados ao SUS, a possibilitar contato dos acadêmicos com suas práticas e atribuições, e colaborar para a formação profissional. (LIMA; BRITO; FIRMINO, 2018).

Carnicheli e Casarin (2018), apresentou um estudo realizado com 108 acadêmicos



do curso de psicologia de uma instituição de ensino superior, a finalidade se deteve em entender a concepção dos estudantes referente a importância do assunto morte e morrer em sua formação acadêmica, se o aluno consegue distinguir morte e morrer, bem como investigar como a trajetória acadêmica aborda o processo de enfrentamento ao fim da vida, e os sentimentos que provoca o estudante. Os autores utilizaram questionário com seis questões, sendo cinco objetivas e apenas uma aberta.

No final do estudo os referidos autores destacaram que: a) o assunto morte e morrer são importantes na formação acadêmica, mas pouco discutido nos espaços acadêmicos; b) face à complexidade do assunto, os participantes apresentaram alguns sentimentos como: medo, sentimentos de incompreensão, tristeza e insegurança; c) evidenciou que muitos dos estudantes se sentiam despreparados para lidar com os próprios sentimentos, vez que reconheceu sua própria fragilidade perante a morte. d) concluiu-se que, apesar de o tema ser conhecido pelos acadêmicos, ainda apresentaram dificuldade em distinguir e conceituar o tema morte e morrer. (CARNICHEL; CASARIN, 2018).

Isto posto, o ensino superior com temas pertinentes à área de atuação, combinado com o estágio e supervisão, vem colaborar para a formação do futuro psicólogo para além do conhecimento teórico.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão bibliográfica exploratória da literatura, de cunho qualitativo. Essa metodologia se mostrou útil e eficaz diante da problemática levantada, pois através dessa metodologia é possível desenvolver o tema a partir das construções acadêmicas, científicas e teóricas já existentes.

Destaca-se que o tipo de pesquisa qualitativa não pode ser quantificável, vez que ocupa o entendimento entre o mundo real e o indivíduo, nessa dinâmica entre o mundo e a subjetividade do sujeito, não é possível traduzir em números, o próprio pesquisar toma a frente para coletar os dados, analisar e interpretar o seu significado. (PEREIRA, 2018).

A pesquisa exploratória tem a finalidade de aprimorar ideias com a intenção de viabilizar hipóteses de modo a serem testadas em futuros estudos, pelo qual possibilita maior flexibilidade para o planejamento. (GIL, 2009).

A pesquisa bibliográfica é uma forma específica de produção científica, instrumento de coleta de dados, utilizado pelo leitor para basear seu próprio trabalho científico, e a partir de textos publicados em resenhas, dicionários, jornais, revistas, artigos e demais produções científicas. (LAKATOS, MARCONI, 2019).

Para a coleta de dados utilizaram-se como descritores as palavras-chave: Morte, Psicologia Hospitalar, Cuidados Paliativos. Foram encontrados na plataforma Google Acadêmico (Google Academic), Periódico de Psicologia e SciELO (Scientific Electronic Library Internet), diversos estudos classificados em artigos científicos e livros de acervo pessoal, disponíveis on-line e em língua portuguesa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Categoria: Morte

Nesta categoria foi abordado o tema morte, as implicações históricas, que fascina e assusta o ser humano, assunto que faz parte do processo de existência que continua a



manifestar até o último dia. Foram encontrados 10 artigos e abordados 6, sendo 2 revistas científicas, que apresentou as interpretações dos históricos e filósofos sobre o tema. Os critérios de exclusão foram artigos que não se relacionavam com o tema.

Quadro 1 – Entendimento sobre o tema morte

Título	Autor	Ano	Principais Resultados
Abordagem do paciente terminal: aspectos psicodinâmicos – “A morte como símbolo de transformação”	VARGAS N. S.	2022	Enfatiza a morte como aspecto natural do ser humano, negar atenção ao tema corrobora para a não preparação para o momento da morte. Apresenta a importância de resgatar a experiência simbólica da morte, como parte de relação dialética entre os seus. Assim, necessário se faz a medicina harmonizar com relação à vida e individualidade de cada indivíduo, a observar o limite e respeito.
Concepções Egípcias acerca da morte: Uma leitura sobre a questão da alma no Egito antigo	RIBEIRO, T. H. P.	2014	O autor apresenta como a civilização egípcia identificou o fenômeno morte, tema central que estruturou o modo de vida de um povo.
Perspectivas Histórico-Culturais da Morte	SANTOS, F. S. S.	2009	Morte e morrer, tema desafiador que assusta e impossibilita-se negá-la, uma importante reflexão para o ser humano com parte de uma jornada interior e individual.
Conversando sobre morte com crianças em fase terminal	OLIVEIRA, L. I. S; ROCHA, M. A. L.	2016	Importante reflexão sobre a finitude da vida, na qual o reconhecimento e falar sobre fortalecem e preparam, uma posição na qual o psicólogo precisa buscar aprimorar para entender o processo de luto na infância.
Morte e Finitude na filosofia de Martin Heidegger: Uma intuição de <i>Sein Und Zeit</i> ao pensamento da história do ser	MARTINS FILHO, J. R. F.	2016	A partir da filosofia de Martin Heidegger, possibilita compreender o pensar, a existência e sua finitude.
A finitude humana: Morte e existência sob um olhar fenomenológico – existencial	SIMAN, A; RAUCH, C. S.	2017	O artigo procura analisar diferentes aspectos relacionados à vida e à morte utilizando uma abordagem fenomenológico-existencial. Através da análise das teorias de Heidegger, Angerami-Camon, Sartre, Tuy, Yalom e outros estudiosos, interpretações e significados atribuídos à morte ao longo da história. O objetivo foi instigar reflexões, revelando os significados subjetivos atribuídos à vida e à morte, que para cada indivíduo se é considerando sua bagagem histórica, crenças e possibilidades.

Fonte: Organizado pela autora (2024)



4.2 Categoria: Paciente e Família

Nesta categoria, foram encontrados 11 artigos e abordados 5. Nesta categoria se deteve nos assuntos relacionados à terminalidade e enfrentamento da família diante do ente.

Quadro 2 – O paciente diante da finitude da vida e enfrentamento familiar.

Título	Autor	Ano	Principais Resultados
Existencialismo e a morte	TUY, A. E.	2009	O autor aborda o existencialismo como uma forma de libertar o indivíduo de seus variados tipos de angústias, perceber o sentido da existência para o ser-no-mundo e a chegada da morte.
Sufrimento e Despersonalização nos Hospitais: os desafios do psicólogo hospitalar	CARVALHO, M. et al.	2022	De igual forma a existência para esse indivíduo que se encontra no processo de morte, ainda continua a posicioná-lo nesse ser-no-mundo, agora a lidar num ambiente diferente, no qual o profissional de psicologia inserida na equipe multiprofissional venha minimizar o sofrimento e despersonalização provinda dessa hospitalização, a trabalhar a subjetividade e o acolhimento.
Despersonalização do paciente oncológico hospitalizado: uma revisão integrativa	SILVA, T. D.; FOGER, D.; SANTOS, P. S. S.	2019	Nessa perspectiva, os autores vêm identificar que os profissionais da área da saúde precisam estar atentos na comunicação, a fim de diminuir os pontos que contribuíram para a perda da identidade pessoal.
A morte em cena na UTI: A família diante da terminalidade	MONTEIRO, M. C.; MAGALHÃES, A. S; MACHADO, R. N.	2017	O processo de iminente morte do paciente traz grande angústia e sofrimento para os familiares, resultando em intensas sensações de desamparo. O uso do luto antecipado se torna uma estratégia de adaptação adotada pelos membros da família, permitindo-lhes reorganizar seus recursos. Um momento de resiliência dos familiares, impulsionado pelo apoio social, religião ou espiritualidade.
Sentidos de vida e morte: reflexões de pacientes em cuidados paliativos	HOFFMANN, L. B.; SANTOS, A. B.; CARVALHO, R. T.	2021	Esta pesquisa, de cunho qualitativo, de caráter expiatório, demonstrou os principais significados do tema morte. Assim, participaram do estudo quatro pacientes, a investigar quais ferramentas de enfrentamento à sua finitude, percebeu em si que a morte não foi a dificuldade e sim o que decorre dela.

Fonte: Organizado pela autora (2024)

4.3 Categoria: Atuação da Psicologia

Nesta categoria, foram abordados artigos que abrangem a importância da atuação do psicólogo junto à equipe multiprofissional em cuidados paliativos, tríade paciente, família e equipe, e as técnicas utilizadas na prática profissional. Foram encontrados 18 artigos e abordados 11 artigos, sendo 4 revistas científicas.



Quadro 3 – Equipe multiprofissional e atuação do profissional psicólogo (a)

Título	Autor	Ano	Principais Resultados
A atuação do psicólogo Hospitalar diante da tríade paciente-família, equipe de saúde	SANTOS, J. S. L.	2022	A atuação do profissional psicólogo junto ao paciente, família e equipe de saúde e as demandas apresentadas no contexto hospitalar, para este que exerce um papel importante entre a referida tríade.
A importância da escuta psicológica.	PORCINO, J. M. A. et al.	2020	O psicólogo no ambiente hospitalar emprega a escuta psicológica como uma ferramenta significativa na formação da subjetividade.
Cuidados Paliativos na Assistência Hospitalar: A vivência de uma equipe multidisciplinar	CARDOSO, D. H. et al.	2013	Apresenta um estudo descritivo, exploratório e qualitativo junto a equipe multiprofissional que atuam no contexto hospital em cuidados paliativos, a destacar outros significados ao evento morte, levando-os a compreender a morte como parte natural da existência e a relevância de assegurar bem-estar e conforto ao paciente.
Apoio Psicológico na Terminalidade: Ensinamentos para a vida	OLIVEIRA, E. A.; SANTOS, M. A.; MASTROPIETRO, A. P.	2010	Estudo que buscou compreender as etapas do processo de luto experimentadas pelo paciente e identificar maneiras de intervir psicologicamente durante a iminência da morte.
A assistência psicológica humanizada a pacientes oncológicos: Cuidados Paliativos	PEDREIRA, C. S.	2013	Destaca a relevância do trabalho da equipe interdisciplinar e multiprofissional visando promover melhor qualidade de vida e garantir de forma otimista que a dor pode ser aliviada.
A morte no contexto hospitalar: revisão de literatura nacional sobre a atuação do Psicólogo	CARVALHO, J. S; MARTINS, A. M.	2015	Destaca a necessidade do profissional psicólogo no contexto hospitalar a possibilitar diferentes formas de olhar e dar sentido ao evento terminalidade.
A importância do Psicólogo na Psico-Oncologia. Repositório Institucional– FUCAMP	VALADÃO, B. C. P; SOUZA, J. C. J.	2021	A atuação do profissional psicólogo junto a pacientes oncológicos, e a utilização das ferramentas principais sendo: acolhimento e escuta.
Psicologia hospitalar: atuação com pacientes terminais e seus familiares	SANTOS, J. R. R; CARVALHO, L. S.	2018	Observa-se o impacto aos pacientes que recebem a notícia da terminalidade e a atuação do psicólogo junto ao paciente e família.
A difícil tarefa de falar sobre morte no hospital	MEDEIROS, L. A; LUSTOSA, M. A.	2011	O profissional deve estar atento aos aspectos emocionais que o tema acarreta para si, em sua formação profissional e para o



Cuidados Paliativos: O desafio das equipes de saúde. Psicologia USP	BRAGA, F. C; QUEIROZ, E.	2013	familiar. Ressalta que o cuidado engloba também os aspectos psicossociais, com inferências na relação entre profissionais, família e paciente.
A atuação do psicólogo no tratamento de pacientes terminais e seus familiares	DOMINGUES, G. R. et al.	2013	Os autores apresentam análise de que forma o psicólogo pode auxiliar o paciente em fase terminal e seus familiares a lidar com as emoções provenientes desse contexto limite.

Fonte: Organizado pela autora (2024)

4.4 Categoria: Acadêmico

Nesta categoria, foram encontrados 6 artigos e abordados 4, sendo 2 revistas científicas, a tratar da formação do acadêmico, no processo de formação que, em conjunto, o teórico e prática caminham juntos.

Quadro 4 – Trajetória acadêmica, importância do estágio

Título	Autor	Ano	Principais Resultados
Dores e Delícias em ser Estagiária: O estágio na formação em psicologia.	SANTOS, A. C; NÓBREGA D. O.	2017	Pesquisa de campo com a participação de seis acadêmicos do curso de psicologia da Universidade Federal de Alagoas, que a partir de encontro foram abordados temas relevantes para a formação profissional, bem como o estágio como preparação para a prática profissional.
Psicologia e a Formação para a Saúde: Experiências Formativas e Transformações Curriculares em debate.	PITOMBEIRA, D. F. et al.	2016	Importante reflexão sobre a formação do psicólogo no campo da saúde, caminho entre a teoria e a prática, o quanto os discentes podem contribuir nessa relação.
Estágio em Psicologia em um Centro de Saúde Pública de Salvador, Bahia.	LIMA, M.; BRITO, M; FIRMINO, A.	2018	A experiência a ser adquirida no campo do estágio se torna fundamental para romper preconceitos e expandir o conhecimento profissional do estagiário.
O acadêmico de Psicologia, a morte e o morrer: a relevância dos temas na formação.	CARNICHELI, E. K. R. N; CASARIN, R. G.	2018	Refere-se a uma pesquisa de campo exploratório, na perspectiva qualitativa e descritiva, da qual participaram 108 acadêmicos do curso de graduação em psicologia, a nortear as principais questões acerca da morte e morrer no processo de formação.

Fonte: Organizado pela autora (2024)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O culto da vida e da morte fez parte da história, fascinados buscamos ou pode-se dizer recuamos diante do abstrato, do vazio, do silêncio, da dor e da ausência de vida. Sem ao menos dar tempo, a morte chega, porém, o homem persiste em procurar respostas, nisso os filósofos, a religião e os estudiosos tomam a frente em busca da relativa verdade.

Para falar sobre a morte, faz-se necessário falar sobre a existência, e o pensamento



existencial permite uma reflexão sobre o existir para o homem, nessa abordagem o homem precisa existir para descobrir-se e se definir, no mundo ele é o responsável de si, a sua existência está sob seu comando e sua subjetividade o torna único, um ser singular. Porém, sua responsabilidade vai além, pois ao projetar o que deseja para sua existência, também escolhe para toda a humanidade.

O homem se constrói no mundo, mas chega o momento que antecede a finitude de sua existência, por vezes anunciada mediante um diagnóstico médico que o informa da breve vida neste mundo, isso é abalador praticamente para todos os seres humanos, significa muitas alterações da vida cotidiana, o afastamento profissional e social, a solidão, a dor física, as alterações na aparência, a fragilidade financeira e as incontáveis interações.

Assim, chega a fase de dar novos significados à vida, um sentido para o tempo que lhe resta, nisso o meio familiar elege o cuidador principal, este o acompanhará praticamente em toda a trajetória, que precisa também de atenção para consigo mesmo, para no momento oportuno auxiliar o parente adoecido nas inúmeras tarefas, a intensificar a cada dia. A relação do paciente e cuidador principal, vai se tornando mais próxima, um chega a entender o outro pelo olhar, desta forma o que acontecer a um refletirá no outro, e nesse movimento, por vezes, o cuidador reconhece a sua própria finitude, em que ambos precisam de cuidados.

No decurso do processo de morte, a hospitalização se faz necessária por inúmeras vezes, o ambiente é diferente, o paciente não tem escolha, perde sua autonomia, ocorre a despersonalização, a fragilizar ainda mais, tornando-o vulnerável diante de tantas alterações.

Novas relações são feitas, o médico, enfermeiros, fisioterapeutas e demais profissionais vão se apresentando ao longo do tratamento, constrói-se um novo ambiente na vida do paciente. Nessa dinâmica um profissional em especial se aproxima, começa a falar, ou não fala nada somente escuta, respeita, acolhe, conversa, o ajuda a falar o que sente, tenta priorizar sua autonomia, conversa com os colegas profissionais, com seu familiar, olha com empatia, sem julgamentos e com gestos de humanidade.

Esse profissional é o Psicólogo(a) Hospitalar que o ajuda a entender o que está acontecendo e como pode lidar com toda a transformação que sua vida teve, sem sua vontade, causando-lhe a dor física, a separação dos seus, a dupla dor – de si e de ver o outro sofrendo. Nessa realidade, o psicólogo respeitará suas ideias, sua religião e sua subjetividade.

Assim, o psicólogo hospitalar juntamente com a equipe multiprofissional em cuidados paliativos, em sua área de atuação será o intermediário entre o paciente-familiar-equipe, a colaborar em todas as formas possíveis para dar dignidade ao paciente no tempo que lhe resta, a resgatar um pouco da cultura na qual em tempos antigos o familiar doente era ouvido, sua decisão respeitada e suas memórias estavam presente entre os seus.

Sim, os tempos são outros, mas o cuidado ao ser humano precisa ser direcionado por outro ser humano e nesse processo todos tendem a reconhecer a sua própria dor, pois o contexto do adoecimento impacta e transforma o meio, o ser-no-mundo continua a existir e precisa de novas propostas para estar nesta existência.

Por isso a importância de possibilitar momento de reflexão, espaço para que todos os personagens dessa história (paciente, familiar e equipe), sejam ouvidos visando ressignificar, dar novo sentido, possibilitar um momento para estruturação emocional e a constante construção da existência que é singular e subjetivo, a perdurar até os últimos instantes de vida.



Assim, conforme apresentado, a atuação do psicólogo hospitalar é importantíssima junto ao paciente que se encontra em processo de morte, tema esse, como vimos, que precisa de atenção por se tratar do ciclo de vida que em algum momento se finda para todos.

Ademais, observo que o tema precisa ser mais discutido no decorrer do curso de graduação em psicologia, devido a sua complexidade, ligar com o estágio no campo hospitalar, para desta forma preparar o futuro psicólogo a compreender as implicações subjetivas que isso acarreta para si, e propiciar a construção para um atendimento mais humano e digno.

Diante do presente artigo, fora optado por não focar em uma doença específica, mas sim conhecer a atuação do profissional psicólogo(a) junto a pacientes em processo de morte e dos personagens que o cercam, bem como permitir uma reflexão sobre o tema morte para de alguma forma entender que a atuação do psicólogo percorre até o limite da existência.

REFERÊNCIAS

ARGERAMI-CAMON, V. A. Psicoterapia Existencial. 4 ed. São Paulo: Thomson Learning Brasil, 2007. 26-28p

BRAGA, F. C; QUEIROZ, E. Cuidados Paliativos: O desafio das equipes de saúde. Psicologia USP, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/HLHPVhxyfqk3kBvbFjxqMKc/?lang=pt>. Acesso dia 02 Nov. 2023.

CARDOSO, D. H. et al. Cuidados Paliativos na Assistência Hospitalar: A vivência de uma equipe Multidisciplinar. Texto & Contexto Enfermagem, Florianópolis, 2013. Disponível em: Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/Wg8dZqctd95h5HJqrftfdQb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 Out. 2023.

CARVALHO, M. et al. Sofrimento e Despersonalização nos Hospitais: os desafios do psicólogo hospitalar. Research, Society and Development, v. 11, n. 17, 2022. Disponível em: p. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/39217/32298>. Acesso em: 28 Nov. 2023.

CARVALHO, J. S; MARTINS, A. M. A morte no contexto hospitalar: revisão de literatura nacional sobre a atuação do Psicólogo. Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, 2015. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/307/301>. Acesso em: 03 Nov. 2023.

CARNICHELI, E. K. R. N; CASARIN, R. G. O acadêmico de Psicologia, a morte e o morrer: a relevância dos temas na formação. Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, v. 9, n. 1, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unifaema.edu.br/bitstream/123456789/1631/1/CARNICHELI%20et%20al..pdf>. Acesso em: 04 Nov. 2023.



- Conselho Federal de Psicologia (Brasil). Referências Técnicas para a atuação de psicólogas (os) nos serviços hospitalares do SUS. 1 ed. Brasília, 2019. 10-11p.
- DOMINGUES, G. R. et al. A atuação do psicólogo no tratamento de pacientes terminais e seus familiares. PEPSIC, São Paulo, v. 11, n. 1, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ph/v11n1/v11n1a02.pdf>. Acesso em: 05 Nov. 2023.
- FRANKL, V. E. A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2013.
- GIL, A. C. Como elaborar Projetos de Pesquisa. 4.ed. São Paulo: Atlas. 2002. 131p.
- HOFFMANN, L. B.; SANTOS, A. B. B.; CARVALHO, R. T. Sentidos de vida e morte: reflexões de pacientes em cuidados paliativos. Psicologia USP. São Paulo, v. 32, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/tQ8sz8VyWbGJykWMBLrmv9R/>. Acesso em: 23 Out 2023.
- JUNQUEIRA, M. H. R; KOVÁCS, M.J. Alunos de Psicologia e Educação para a morte. Psicologia, Ciência e Profissão. São Paulo, 2008. p. 517. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/djgGPxfXmY3YdgCB4M446gg/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 17 abril 2023.
- LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. Fundamentos de Metodologia Científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019. 33p.
- LIMA, M.; BRITO, M; FIRMINO, A. Estágio em Psicologia em um Centro de saúde Pública de Salvador, Bahia. Revista Psicologia e Saúde, Salvador, BA, v. 10, n. 2. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6098/609863940004/609863940004.pdf>. Acesso em: 05 Nov. 2023.
- MARTINS, J.R.F. Morte e Finitude na filosofia de Martin Heidegger: Uma intuição de *Sein Und Zeit* ao pensamento da história do ser. Revista de Filosofia. Goiás, v. 13, n. 1, 2016. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/687/403>. Acesso em: 03 Nov. 2023.
- MEDEIROS, L. A; LUSTOSA, M. A. A difícil tarefa de falar sobre morte no hospital. Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/441/430>. Acesso em: 05 Nov. 2023.
- MONTEIRO, M. C.; MAGALHÃES, A. S; MACHADO, R. N. A morte em cena na UTI: A família diante da terminalidade. Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/NPfhKfKBT7t5H3rzQ9WLLXc/?format=html>. Acesso em: 04 Nov. 2023.
- OLIVEIRA, E. A.; SANTOS, M. A; MASTROPIETRO, A. P. Apoio Psicológico na Terminalidade: Ensinaamentos para a vida. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 15, n. 2, p. 235-244, abr./jun. 2010. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/pe/a/jBbdHnWKHtPVjqSnRrKtK4k/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 abril 2023.

OLIVEIRA, L. I. S; ROCHA, M. A. L. Conversando sobre morte com crianças em fase terminal. Psicologia.PT O Portal dos Psicólogos, 2016. p. 2. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0408.pdf>. Acesso em: 02 maio 2023.

PEREIRA, J. M. Manual de Metodologia de Pesquisa Científica. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2018. 87p.

PEDREIRA, C. S. A assistência psicológica humanizada à pacientes oncológicos: Cuidados Paliativos. Psicologia Portal dos Psicólogos, 2013. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0735.pdf>. Acesso em: 04 Nov. 2023.

PITOMBEIRA, D. F. et al. Psicologia e a Formação para a Saúde: Experiências Formativas e Transformações curriculares em debate. Psicologia: Ciência e Profissão, Fortaleza, CE, v. 36, n. 2, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/X6jLQWHkcfQjc45fYTKN9Ff/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 Nov 2023.

PORCINO, J. M. A. et al. A morte e o morrer: A importância da escuta psicológica. Journal of. Medicine. Patos, PB, v.5, n. 1, 2020. Disponível em: <https://jmhp.fiponline.edu.br/pdf/cliente=13-8e24bef346cf8158e1594e4a330cbc58.pdf>. Acesso em: 30 Out. 2023.

RIBEIRO, T. H. P. Concepções Egípcias acerca da morte: Uma leitura sobre a questão da alma no Egito antigo. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Fatos & Versões – Revista de História, v. 6, n. 12, p. 2-4, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/fatver/article/view/1293>. Acesso em: 06 Set. 2023.

ROGERS, C. R. Tornar-se pessoa. Tradução de Ferreira, M. J. C. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 415p.

SANTOS, F. S. S. Perspectivas Histórico-Culturais da Morte. Arquivo dos Artigos do site da ABPE. São Paulo: Comenius, 2009, p. 16. Disponível em: http://pampedia.com.br/abpe/Artigos%20site/ABPE_siteArtigos%20perspectivas%20morte.pdf. Acesso em: 03 set. 2023.

SANTOS, A. C; NÓBREGA D. O. Dores e Delícias em ser Estagiária: O estágio na formação em psicologia. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 37, n. 2. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/6cGHYvPWPpvfdKCWmGNpVSm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 Nov. 2023.

SANTOS, J. R. R; CARVALHO, L. S. Psicologia hospitalar: atuação com pacientes terminais e seus familiares. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, ano 03, ed. 09, v. 11, p 7, 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/psicologia-hospitalar>. Acesso em: 15 junho 2023.



SANTOS, J. S. L. A atuação do psicólogo Hospitalar diante da tríade paciente-família, equipe de saúde. VII Jornada Acadêmica HUPAA, Gep News. Maceió, v. 6, n. 3. 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/view/14689>. Acesso em: 30 Out. 2023.

SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo. Tradução: João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996. 20-22p.

SILVA, T. D.; FOGER, D.; SANTOS, P. S. S. Despersonalização do paciente oncológico hospitalizado: uma revisão integrativa. Psicologia, Saúde & Doenças, v. 20, n. 3, p. 651-658, 2019. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003091145>. Acesso em: 28 Nov. 2023.

SIMAN, A; RAUCH, C. S. A finitude Humana: Morte e existência sob um olhar fenomenológico – existencial. Faculdade Sant'Ana em Revista. Ponta Grossa. v.1, n. 2, 2017. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/111>. Acesso em: 18 Agosto 2023.

SIMONETTI, A. Manual de Psicologia Hospitalar. O Mapa da doença. Casa do Psicólogo. 8. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016. 23-24p.

TUY, A. E. Existencialismo e a morte. 2009. Disponível em: <http://www.artigos.etc.br/Existencialismo-e-a-morte.html>. Acesso em: 14 Out. 2023.

VALADÃO, B. C. P; SOUZA, J. C. J. A importância do Psicólogo na Psico-Oncologia. Repositório Institucional – FUCAMP. Minas Gerais, p. 03, 2021. Disponível em: <http://repositorio.fucamp.com.br/handle/FUCAMP/542>. Acesso em: 17 abril 2023.

VARGAS, N. S. Abordagem do paciente terminal: aspectos psicodinâmicos - "A morte como símbolo de transformação". Junguiana, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 75-82, dez. 2022 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252022000200004&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 03 maio 2024.

WERLE, M. A. A Angústia, o nada e a morte em Heidegger. Trans/Form/Ação, São Paulo, p.101, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/JLXMqcxLdXLsBdmwKwFbTHg/?format=pdf>. Acesso em: 15 junho 2023.